

**MARTA SFREDO**marta.sfredo@zerohora.com.br  
3218-4701

## RESPOSTAS CAPITAIS

**PAULO HARTUNG** Presidente da IBÁ e ex-governador do ES

# “Questão ambiental é uma oportunidade para o país”

Conhecido pelo ajuste fiscal que deixou o Espírito Santo com contas equilibradas, o ex-governador Paulo Hartung se tornou presidente da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ, com acento na sigla). Representa interesses de empresas que plantam florestas com finalidade econômica no Brasil. Na semana passada, veio conhecer a CMPC, que completa uma década no Brasil. Falou sobre oportunidades ambientais e a Cop25, que começa hoje em Madri.

FARSUL, DIVULGAÇÃO, 05.12.2019



### Como vê o estudo do governo federal para permitir exportação de madeira da Amazônia sem beneficiamento?

Desde a Rio 92 (primeira conferência mundial sobre clima), o país evoluiu em sustentabilidade. Foi ousado, na época, tínhamos estrutura institucional ainda muito frágil no tema. Podemos discutir se houve excesso na ação, mas houve evolução institucional no país. Foi inteligente. Se o Brasil é um país com cobertura florestal ativa em mais de 60% do território em uma hora que o mundo está desafiado a discutir a questão do clima, temos uma vantagem competitiva. O que vem acontecendo nos últimos meses não é positivo para a imagem que o país construiu. A IBÁ não tem usado a ferramenta da crítica, temos lançado pontes em direção ao governo. Há oportunidade para o país. O Brasil pode reforçar o protagonismo mundial, e os brasileiros podem ganhar com isso. O país precisa se sintonizar com esse mundo de oportunidades. A cada declaração que, consciente ou inconscientemente, flerta com violência em relação ao ambiente, com destruição e queimadas, diminui o campo vasto de oportunidades que temos.

### O governo responde bem ao movimento de aproximação?

Sou uma pessoa paciente, creio que temos de seguir lançando

pontes. Há movimentos positivos, como o da ministra da Agricultura (Tereza Cristina). Reunimos a Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura no gabinete do ministro do Meio Ambiente (Ricardo Salles), estavam lá Guilherme Leal, da Natura, Walter Schalka, da Suzano, maior empresa de celulose do país. Nesta hora, mudar a regra para exportação de madeira in natura não é positivo, pois opera no sentido de ter mais dificuldade para recuperar nosso prestígio. O mundo está conectado. As pessoas temem boicotes de governos ou de empresas compradoras de nossos produtos, mas existem consumidores ativos que acessam as redes sociais e propõem uma atitude em relação a um produto de um país. Precisamos entender o mundo em que estamos vivendo. É muito complexo, mas tem muitas oportunidades. A questão ambiental é oportunidade para o país.

### Quais são as oportunidades?

É preciso entender que a floresta em pé é produtiva. Dizem ‘temos um patrimônio que não é monetizado’. Está sendo monetizado, até precisa ser mais. Por exemplo, produz serviços ambientais. Esse regime de chuva que permite duas safras sem irrigação em algumas regiões está relacionado à floresta em pé, que determina no clima no país e no Exterior. Na Floresta Amazônica, vivem de 20 milhões

### GAÚCHAZH

Leia em [gzh.rs/PHartung](http://gzh.rs/PHartung), entrevista completa com avaliação da crise do RS

a 25 milhões de brasileiros. Precisamos ter olhar atento para a região, que tem baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano, que mede qualidade de vida) lá. Precisamos buscar meios e modos para melhorar a renda de quem vive lá. Olhar com sensibilidade, de maneira criativa, usando a ciência para desenvolver a região.

### Há oportunidades na venda de madeira in natura?

Não é nosso setor. Trabalhamos com florestas plantadas, não temos conexão com florestas nativas, nem da exploração legal. Trabalhamos com plantio de árvores para fins industriais, de eucalipto e pinus. Ao plantar, conservamos florestas nativas. São empresas como a CMPC, que planta 170 mil hectares e conserva 130 mil hectares de vegetação local. Não temos conexão com essa discussão, mas a Cop25 (conferência sobre mudanças climáticas da ONU ocorre de hoje a 13 de dezembro em Madri, depois que Brasil e Chile desistiram de receber o encontro, por motivos diferentes) vai discutir o artigo 6 do Acordo de Paris, sobre recursos. Interessa ao Brasil, porque pode monetizar ativos ambientais.

### Há equívoco na forma como o governo trata a questão ambiental, atribuindo o assunto à agenda do que define como “marxismo cultural”?

A agenda está errada: agenda ambiental não é de direita, nem de esquerda, nem de centro. Veio para ficar. Um dos temas é a economia circular, dar um destino sustentável a resíduos do ponto de vista econômico. Se você transforma um subproduto para ser usado na produção agrícola, você gera oportunidades, emprego, renda. Precisamos construir pontes nesse diálogo no Brasil. Estão querendo discutir eleição presidencial, não tem eleição neste ano. A que está mais próxima, para as prefeituras, ninguém discute. O que temos de discutir são as medidas que o Brasil precisa adotar: vamos fazer a reforma administrativa ou não? Vamos estender reforma da Previdência para Estados e municípios ou não? Agora, tem um tempo que nós, brasileiros, não temos direito de perder. E estamos em uma roda de perder tempo.